



Traduções

Serenidade, o discurso festivo de Martin Heidegger: a questão da essência da técnica e do pensamento humano

Martin Heideggers Festrede Gelassenheit: die Frage nach dem Wesen der Technik und dem Denken des Menschen

DOI: 10.12957/ek.2020.54556

Prof. Dr. Alfred Denker¹

Martin-Heidegger-Archiv, Meßkirch
Archivo-Heidegger, Universidad de Sevilla
alfred.denker@yahoo.com

Tradução, revisão e notas:²

Dra. Deborah Moreira Guimarães³

Universidade Federal de São Paulo
deborahmoreiraguimaraes@gmail.com
http://orcid.org/0000-0003-2459-9559

Dndo. Felipe Maia da Silva⁴

Universidade de São Paulo
felipe.maia.silva@usp.br
https://orcid.org/0000-0002-4367-333

¹ Agradecemos ao Professor Dr. Alfred Denker, pela gentileza em compor conosco o presente dossiê, remetendo este seu escrito inédito, de valor inestimável. Na edição do artigo, decidimos manter as citações conforme o material que nos foi originalmente enviado. No entanto, foi necessário padronizar alguns aspectos pré-textuais e formais, como a inserção do resumo e das palavras-chave, e a formatação geral do texto. As referências bibliográficas serão mantidas conforme o manuscrito original: nas notas de rodapé. [Nota das(os) editoras(es)].

² Um agradecimento especial aos amigos Marco, Lucas, Bruno e André pela discussão sobre a tradução do termo *Gelassenheit*.

³ É mestre e doutora em Filosofia pela UNIFESP. Pesquisa temas relacionados à fenomenologia e à hermenêutica.

⁴ Doutorando em Filosofia pela USP. Possui mestrado em Filosofia pela mesma universidade. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Áreas de interesse: fenomenologia, hermenêutica.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal elucidar, a partir do discurso *Serenidade*, ocorrido em 1955, problemas que perpassam a filosofia tardia de Martin Heidegger, sobretudo no que diz respeito à questão da técnica e do pensamento humano.⁵ Problematicar a técnica implica estabelecer a distinção entre o pensar meditativo e o pensar calculador, além de colocar em questão a posição do ser humano na totalidade própria ao ente. A técnica seria, portanto, uma forma de reivindicar o indivíduo e uma transformação de sua essência, além de uma das faces da consumação do niilismo presente na era atual.

Palavras-chave: Serenidade. Técnica. Heidegger. Pensamento histórico do ser.

Abstract

The main objective of this article is to elucidate, from the discourse *Gelassenheit*, which occurred in 1955, problems that pervade Martin Heidegger's late philosophy, especially with regard to the issue of technique and human thought. To problematize the technique implies establishing the distinction between meditative thinking and calculating thinking, in addition to calling into question the position of the human being in the totality proper to the entity. The technique would therefore be a way of claiming the individual and a transformation of his essence, as well as one of the faces of the consummation of nihilism present in the current era.

Keywords: Serenity. Technique. Heidegger. Historical thought of being.

⁵ N.T.: Uma vez que a expressão presente no título original é “*Die Frage nach dem Wesen der Technik und dem Denken des Menschen*“, poderíamos optar por traduzir por “*die Frage nach*” por “a questão/a pergunta pela [nach] essência da técnica e pelo pensamento humano” como uma forma de fazer a distinção entre uma filosofia que apenas discursa ‘sobre’ coisas e uma filosofia (heideggeriana) que se engaja ‘pelas coisas’, ‘na direção’ delas. Contudo, para manter mais fluência e proximidade com a forma de construção das sentenças em língua portuguesa, optamos por uma tradução mais simples e corrente: “a questão da essência da técnica e do pensamento humano”.

Para Heidegger, o discurso festivo [Festrede] “Serenidade” [Gelassenheit]⁶, por ocasião do 175º aniversário do compositor de Meßkirch Conradin Kreutzer (1780-1849) em 30 de outubro de 1955 na cidade de Meßkirch, foi um acontecimento especial. Desde as suas conferências mais iniciais em Meßkirch, como estudante de Teologia e de Filosofia, ele não havia mais falado publicamente, em Meßkirch, aos seus conterrâneos.⁷ Ele aceitara o convite do prefeito Schühle apenas sob a condição de que lhe fosse permitido escolher livremente o tema. É evidente que Heidegger não desejava proferir um discurso comemorativo [Gedenkrede] habitual. Uma parte importante da celebração memorial [Gedenkfeier]⁸ foi a execução da música de Kreutzer, juntamente com canto e coro, além de ópera e música de câmara. Assim, Conradin Kreutzer foi celebrado como artista e mestre da música. Como quase sempre, Heidegger inicia as suas considerações com uma pergunta: “Isso faz da comemoração, porém, uma celebração memorial? [...] Por meio de jogos e cânticos, o festejo já se torna uma celebração memorial, uma comemoração junto à qual nós pensamos? Provavelmente, não”.⁹ Heidegger parece, de modo tão óbvio, um acréscimo [Zugabe] – o famoso filho filósofo da cidade deveria trazer ainda à comemoração um pouco de pensamento para que ela se torne uma verdadeira celebração *memorial*. Heidegger poderia contar coisas interessantes sobre a vida e a obra

⁶ Nota dos tradutores (N.T.): Serenidade é a nossa opção de tradução para *Gelassenheit* por se tratar de um termo sedimentado na recepção do pensamento heideggeriano não só nos países de língua portuguesa, mas também nos de língua espanhola (*Serenidad*). No entanto, cabe ressaltar que a palavra alemã que geralmente tem como correlato direto em português ‘serenidade’, em contextos não estritamente filosóficos ou de recepção do pensamento de Heidegger, é o termo *Heiterkeit*, que tem certa afinidade com a tradição cristã, uma vez que pode ser traduzido no sentido de virtude, alegria, júbilo. Etimologicamente, a palavra mais indicada para traduzir *Gelassenheit* em português preservando o sentido preciso que o termo adquire no interior do pensamento de Heidegger seria “lassidão”, porém consideramos inadequado o emprego deste termo pelo fato de ele ter adquirido uma conotação cada vez mais pejorativa com o passar dos anos, estando relacionado a algo como enfatiamento, esgotamento ou, até mesmo, desleixo. O que está em questão no termo *Gelassenheit* é muito mais um aspecto passivo de deixar que algo seja, isto é, um “deixar-ser”, que possui direta relação etimológica com o verbo *lassen* (formado a partir do particípio passado *gelassen* e do sufixo *-heit*), frequentemente empregado com o intuito de explicitar a ausência de atividade, a postura passiva diante de algo – o deixar, o permitir. Em língua inglesa, encontramos dois registros distintos de tradução para *Gelassenheit*: *Release* e *Letting Be*.

⁷ Alfred Denker & Elsbeth Büchin, *Heidegger und seine Heimat*, Stuttgart, Klett-Cotta, 2005, p. 121-132.

⁸ N.T.: Optamos por padronizar a tradução de certos termos específicos deste artigo, como *Festrede*, *Gedenkrede* e *Gedenkfeier*. Assim, *Festrede* será traduzido como discurso festivo; *Gedenkrede*, como discurso comemorativo; e *Gedenkfeier*, como celebração memorial. O nosso intuito é preservar a raiz etimológica presente em *Gedenkrede* e *Gedenkfeier*. Ambos os termos possuem *Gedenk-* em sua formação, o que provém do termo *Gedenken*, que significa lembrança, comemoração. Esse substantivo, *Gedenken*, origina-se do verbo *gedenken* – lembrar, comemorar – usado para se referir à lembrança, na memória, de alguém. Nesse sentido, nem todo discurso festivo tem como objetivo celebrar uma memória, assim como também nem toda celebração (ou festejo) pode ser considerada uma celebração memorial.

⁹ Heidegger, *Gelassenheit*, Pfullingen, Neske, 1959, p. 12.

de Kreutzer, mas isso seria apenas conversação pobre, sem o pensar. Somente quando um discurso, necessariamente, nos requisita a meditar [besinnen] sobre algo, pode um discurso memorial garantir que também pensemos na ocasião de uma celebração memorial. Pensar só é possível na autorrealização – enquanto eu não pensar, nada será pensado para e por mim. A meditação (Besinnung) é uma indicação formal do pensamento. Pensar significa meditar sobre o que concerne a cada um de nós direta e incessantemente em sua essência [Wesen].¹⁰ Dito de outro modo, o ser humano é o ser vivo pensante [denkende Lebewesen] – mas, como ainda veremos, Heidegger não quer dizer com essa indicação que o ser humano seria o *animal rationale* ou o vivente dotado de razão.

Hoje, na era do niilismo consumado, todos nós estamos frequentemente pobres de pensamento ou, pior, sem pensamento. “A falta de pensamento é um hóspede estranho, que entra e sai, por toda parte, no mundo atual”.¹¹ Esse convidado estranho é um sintoma do niilismo.¹² É por isso que a falta de pensamento é um convidado estranho e não o mais estranho de todos os convidados. Porque a metafísica se consumou no niilismo (na forma do domínio planetário da técnica), não há mais novas possibilidades de pensar e nos tornamos sempre mais desprovidos de pensamento. Assim, Heidegger pode conduzir seus ouvintes por dois caminhos de pensamento: um deles é a questão: o que significa pensar? – o outro é a questão da técnica. Primeiramente, embarcaremos no primeiro caminho.

Em *Ser e tempo*, Heidegger havia descoberto fenomenologicamente a compreensão de ser implícita do ser humano. Sem o pensamento, não pode haver seres humanos, e esse pensamento é, em sua forma mais simples, compreensão de ser ou o ser-na-verdade. O ser humano é, em seu ser-aí, sempre já requisitado pelo ser. A história da metafísica é a história da resposta humana a esse ser-requisitado pelo ser. Porém, quando, no final da história da metafísica, isto é, no niilismo, o ser passa a não ser mais nada, o ser humano perde sua compreensão de ser e, com isso, também sua própria essência. Por isso, o perigo e a urgência do ser humano atual são tão grandes. “Porque hoje se entende tudo e cada coisa pelo caminho mais rápido e barato, tendo-se esquecido tudo no mesmo

¹⁰ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 13.

¹¹ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 13.

¹² Martin Heidegger, *Nietzsche II*, 6. erg. Auflage Stuttgart, Klett-Cotta, 1998, 43. A referência a Nietzsche é clara: “O niilismo está à porta: de onde nos vem esse hóspede mais aterrador [unheimlichste] de todos?”

instante, de modo igualmente rápido”.¹³ [“Denn man nimmt heute alles und jedes auf dem schnellsten und billigsten Weg zur Kenntnis und hat es im selben Augenblick ebenso rasch vergessen.”] Heidegger escreveu essa frase em 1955. Hoje, os computadores e a Internet tornam as coisas incrivelmente ainda mais rápidas e mais baratas. Nesses fenômenos, mostra-se a crescente falta de pensamento. “O ser humano de hoje está *fugindo do pensar*”. Mas, porque o pensar é a determinação do ser humano, isso significa, ao mesmo tempo, que o ser humano de hoje está fugindo de si mesmo. Também aqui é profícuo pensar no niilismo. A consumação da metafísica no niilismo mostra-se no fato de que o ser humano perde a sua compreensão de ser. Essa perda é tanto uma consequência do esquecimento humano do ser quanto uma consequência do abandono do ser do ser humano atual.¹⁴ Ambos os fenômenos refletem um ao outro. É fácil acusar Heidegger de que nunca antes houve na história tanta pesquisa e planejamento.¹⁵ Pesquisar e planejar são formas do pensamento e por meio delas a tese da falta de pensamento é refutada. Heidegger diferencia duas formas do pensar: o pensar calculador [das rechnende Denken] e o pensar meditativo [das besinnliche Nachdenken]. O planejar e o pesquisar é um pensar de tipo peculiar, que nunca se retém e, por isso, tampouco repousa. O pensar calculador não encontra subordinação [Inständigkeit]¹⁶ e não pode

¹³ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 13.

¹⁴ N.T.: „eine Folge der Seinsverlassenheit des heutigen Menschen“. Encontramos aqui um ponto delicado e, certamente, de interpretação filosófica. Nós poderíamos pensar se o abandono do ser ‘se dá’ ‘da parte do ser humano’ (o ser humano como a ‘causa’ desse abandono enquanto ente que esquece o ser) ou se o genitivo “*des heutigen Menschen*” não pode ser lido a partir de uma ambiguidade do genitivo subjetivo e objetivo, ou seja, a partir da ambiguidade de o ser humano ser uma ‘causa’ do abandono do ser enquanto é, ao mesmo tempo, “objeto do acontecimento” de um abandono e de uma retração do ser. Se for esse o caso, então seria interessante manter a ambiguidade na tradução, opção que tomamos ao traduzir pela seguinte sentença: “[...] do abandono do ser do ser humano atual”. Para corroborar essa leitura, trazemos uma passagem dos *Beiträge zur Philosophie* onde Heidegger diz: “*Seinsverlassenheit: „daß das Seyn das Seiende verläßt, dieses ihm selbst sich überläßt und es so zum Gegenstand der Machenschaft werden läßt“*” (p. 111). Por outro lado, ele distingue repetidamente entre *Seynsverlassenheit* e *Seinsverlassenheit* nessas passagens dos *Beiträge*, e por esse motivo a nossa decisão a esse respeito não é definitiva, pois reconhecemos a complexidade presente nessa questão.

¹⁵ N.T.: “*Es ist leicht, um Heidegger den Vorwurf zu machen, dass es noch nie in der Geschichte so viel Forschung und Planung gegeben hat*”. Com base na expressão „*Jemandem den Vorwurf machen, dass*“, compreendemos que A. Denker pode dar a entender nessa frase algo com o seguinte sentido: [Heidegger sustenta a tese de que vivemos numa época carente de pensamento; contra essa sua visão] “é [seria] fácil acusá-lo [com o argumento] de que nunca antes houve na história tanta pesquisa e planejamento”. Portanto, ele faz uma construção retórica, que diz algo como: se alguém quiser refutar Heidegger, esse alguém poderia, aparentemente de modo fácil, acusá-lo de incoerência, uma vez que planejamento e pesquisa são formas de pensamento, etc. Todavia, não é esse o caso, pois uma coisa é planejamento, outra coisa é pensar, e a pessoa que acusasse Heidegger a partir dessa premissa estaria, ela, errada.

¹⁶ N.T.: Optamos por traduzir *Inständigkeit* por ‘subordinação’ por este termo carrega, de fato, o sentido de ‘docilidade ao ser’, bem marcante dos textos desse período. É uma tradução possível, mas inusitada, por

esperar.¹⁷ Heidegger chama o outro tipo de pensamento de pensar meditativo, pois este medita sobre o ser, isto é, na direção do que prevalece em tudo, isto é, [medita] sobre o sentido de ser. Agora nós também podemos compreender qual é o grande perigo do niilismo. Se restar apenas o pensar calculador e o pensar meditativo desaparecer, então a essência do ser humano lhe será perdida. Se o ser humano pode ainda somente calcular, o domínio planetário da técnica torna-se insuperável, uma vez que então não pode mais haver espaço para outro pensar. Segundo Heidegger, havia entre os gregos cinco formas de ser-na-verdade: *nous* (razão), *sophia* (sabedoria), *epistèmè* (conhecimento), *phronèsis* (sabedoria prática) e *technè* (técnica). Em sua obra, Heidegger mostrou como, no curso da história da metafísica, a *technè*, ou técnica [Technik], tornou-se o único modo do ser humano de ser-na-verdade. A técnica pertence à essência do ser humano, uma vez que, sem a técnica, o ser humano não pode, de maneira geral, viver. Heidegger não se posiciona contra a técnica, mas, sim, vê no domínio único da técnica o perigo de que o ser humano perca 80% de suas possibilidades e, no fim, não possa mais ser humano.¹⁸

O perigo nas leituras dos textos de Heidegger é sempre irmos rápido demais. Ele estruturou seus ensaios e conferências com muita precisão como caminhos de pensamento e procurou nos conduzir gradualmente. Se seguirmos Heidegger e compreendermos a sua determinação do pensar calculador e do meditar pensativo, poderemos perguntar qual seria o sentido do meditar pensativo. O pensar calculador é tangível [handfest] e pode

isso gostaríamos de apontar para a outra opção mais ‘tradicional’. Talvez “Insistência”, como os tradutores de “Marcas do Caminho” optam, seja até mais interessante, uma vez que mantém a proximidade com “Existência”. No “*Nachwort*” (1943) e na “*Einleitung*” (1949) ao “*Was ist Metaphysik?*”, Heidegger usa muitas vezes o termo. Por outro lado, a opção por ‘insistência’ pode realmente remeter ao uso bastante diverso de ‘insistir’ [*insistieren*], como em “*Vom Wesen der Wahrheit*”, o que geraria confusão. Em todo caso, três trechos (*Holzwege*) talvez permitam justificar a opção por ‘insistência’ (mas também deixar ressoar a nossa opção por ‘subordinação’, o que nos parece ser interessante). “*Das, was im Namen »Existenz« zu denken ist, wenn das Wort innerhalb des Denkens gebraucht wird, das auf die Wahrheit des Seins zu und aus ihr her denkt, könnte das Wort »Inständigkeit« am schönsten nennen*” (p. 374); “*Wohin und woher und in welcher freien Dimension sollte sich denn alle Intentionalität des Bewußtseins bewegen, wenn der Mensch nicht schon in der Inständigkeit sein Wesen hätte?*” (p. 375). “*Das Opfer ist der Abschied vom Seienden auf dem Gang zur Wahrung der Gunst des Seins. Das Opfer kann durch das Werken und Leisten im Seienden zwar vorbereitet und bedient, aber durch solches nie erfüllt werden. Sein Vollzug entstammt der Inständigkeit, aus der jeder geschichtliche Mensch handelnd — auch das wesentliche Denken ist ein Handeln — das erlangte Dasein für die Wahrung der Würde des Seins bewahrt. Diese Inständigkeit ist der Gleichmut, der sich die verborgene Bereitschaft für das abschiedliche Wesen jedes Opfers nicht anfechten läßt*” (p. 310-11).

¹⁷ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 15.

¹⁸ A necessidade do além-do-homem é inevitável: ou o ser humano se torna o além-do-homem como trabalhador ou, no sentido de Heidegger, o ser humano transita para uma nova compreensão de ser não-metafísica e encontra uma nova essência.

produzir um imenso número de resultados. O pensar meditativo, isto é, o pensar do qual o ser humano foge, apenas paira sobre a realidade efetiva [Wirklichkeit] e não pode, por isso, contribuir em nada para a condução da vida prática. Acrescenta-se a isso ainda que a meditação seria muito elevada para a compreensão humana comum.

Para nós, atualmente, as análises de Heidegger são provavelmente mais compreensíveis do que para seus contemporâneos, que escutaram seu discurso à época. A ciência natural tornou-se hoje, ainda mais, a medida de todas as coisas. Apenas o que nós podemos calcular pode, efetivamente, ser. Na universidade, as ciências humanas [Geisteswissenschaften] devem se tornar tão quantificáveis quanto as ciências naturais. Direito, medicina, economia, arquitetura, engenharia mecânica entre outras são as faculdades que têm utilidade imediata para a vida prática do ser humano. Sempre queremos ter mais certeza – por isso, podemos, por exemplo, assegurar tudo hoje em dia. Tudo deve ser factível [machbar]¹⁹ – por isso o nosso corpo precisa de cirurgia plástica. Uma vez que um pouco de cultura não é algo totalmente improfícuo para o nosso bem-estar, as artes também devem ser promovidas até certa medida. Para tal, nós poderíamos em geral *precisar* do mero pensar? A pergunta já mostra, exatamente, como a nossa autocompreensão se tornou técnica, ou, dito de outro modo, o quão urgente se tornou o pensar meditativo. O pensar é, para o ser humano atual, agora tão *profícuo* [nützlich] porque não possui nenhuma utilidade. A beleza da filosofia é agora o fato de que com ela nada podemos começar.

Heidegger pode simplesmente refutar a objeção de que o pensar meditativo seria muito elevado para o senso comum [gemeinen Verstand]. Primeiramente, o pensar científico também pergunta sobre esforço, estudo e exercício. Para o senso comum, as teorias científico-naturais não são menos evidentes do que o mero pensar. O que Heidegger chama aqui de pensar meditativo ou de mero pensar é propriamente, ainda, o ir “às coisas mesmas” [zu den Sachen selbst] fenomenológico. A coisa pode apenas se

¹⁹ N.T.: Reconhecemos a possibilidade de outros termos para traduzir *machbar*. ‘Fabricável’ nos parece ser a opção menos apropriada, uma vez que já é muito ‘específica’ (dentro do campo do ‘factível’ da técnica, o ‘fabricável’ pode ser apenas uma modalidade particular e Heidegger sempre usa, em última instância, o vocabulário do ‘fabricável’ tendo em vista o verbo ‘herstellen’). ‘Viável’ é um termo também muito interessante; porém, optamos por ‘factível’, opção de Marco Casanova em sua tradução das *Contribuições*, por exemplo na p. 137.

mostrar quando o pensar lhe dá a liberdade para se mostrar, assim como ela se mostra a partir de si mesma. Isso significa que não devemos, como em toda e qualquer ciência, estabelecer um domínio de objetos [Gegenstandsbereich] (tempo, movimento, espaço, natureza, vida), mas que devemos escutar as reivindicações próprias ao ente. São necessários um elevado esforço e uma extensa prática para aprender isso. Heidegger aprendeu o pensar entre 1916-1918 com Husserl. Em seus seminários e palestras, ele buscou treinar seus alunos conforme a maneira própria ao pensar [filosófico]. Isso tornou os seus cursos tão emocionantes e bem-sucedidos. Suas conferências tardias, após 1945, buscaram, dentro de uma ou de duas horas, treinar gradualmente o pensamento com os ouvintes e se aproximar o máximo possível da coisa que é discutida na conferência de modo que a coisa possa se mostrar a partir de si mesma.

Todos podem aprender o pensar, porque o ser humano “é o *pensante*, isto é, a essência que *articula sentido*” [“das *denkende*, d.h. *sinnende Wesen ist*”].²⁰ Ao pensar precisamos apenas “nos demorar junto ao que repousa próximo e meditar sobre o que repousa o mais próximo de nós: sobre o que está em jogo para cada um de nós, aqui e agora.”²¹ Com isso, Heidegger pode alcançar a transição para o tema de seu discurso memorial. O que está em jogo para Heidegger e para os seus ouvintes aqui e agora? Em que consiste o que repousa o mais próximo? O simples fato de que uma obra de arte floresce a partir do solo da terra natal. Poderíamos esperar que Heidegger falasse agora sobre a arte musical; porém, ele segue outro caminho. “Ficamos pensativos e perguntamos: a todo florescimento de uma obra genuína não pertence o enraizamento no solo de uma terra natal? [“Wir werden nachdenklich und fragen: Gehört nicht zu jedem Gedeihen eines gediegenen Werkes die Verwurzelung im Boden einer Heimat?”].²² Tornar-se pensativo significa deixar-se envolver²³ no que é digno de questão e, quando nós nos deixamos envolver na questionabilidade, coloca-se a pergunta sobre a permanência no solo [Bodenständigkeit]. O fato de agora Heidegger trazer uma citação de um poeta é uma peculiaridade de seu procedimento. A linguagem ainda fala na obra

²⁰ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 16.

²¹ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 16.

²² Heidegger, *Gelassenheit*, p. 16.

²³ N.T.: Para *sich einlassen auf* optamos pela expressão “deixar-se envolver”, pois sempre que surgem variantes de ‘lassen’ em Heidegger, consideramos importante o esforço de tradução por uma construção menos “ativa”.

dos poetas e, se aprendemos a escutá-la, chegaremos mais perto da coisa que se mostra na linguagem. A citação diz: “Johann Peter Hebel escreveu uma vez: ‘Nós somos plantas que – o admitamos com gosto ou não – têm que crescer com as raízes a partir da terra a fim de poder florescer no Éter e frutificar’²⁴ (Obras, ed. Altmann III, 314)“ [„Johann Peter Hebel schreibt einmal: ‚Wir sind Pflanzen, die – wir mögen’s uns gerne gestehen oder nicht – mit den Wurzeln aus der Erde steigen müssen, um im Äther blühen und Früchte tragen zu können‘ (Werke, ed. Altmann III, 314)“].²⁵

Heidegger discute essa sentença, e esse parágrafo é emblemático para o seu “método”. “O poeta quer dizer: onde quer que floresça uma obra humana verdadeiramente alegre e saudável, o ser humano deve poder se elevar das profundezas do solo da terra natal rumo ao éter” [“Der Dichter will sagen: Wo ein wahrhaft freudiges und heilsames Menschenwerk gedeihen soll, muss der Mensch aus der Tiefe des heimatlichen Bodens in den Äther aufsteigen können.”].²⁶ Heidegger discute a frase e diz o que o poeta Johann Peter Hebel quer dizer, mas não disse, ou, melhor, deixou não dito. Hebel não fala do trabalho humano, ele discursa sobre frutos. Esses frutos são as obras do ser humano – não apenas obras de arte, mas também coisas no sentido amplo da palavra, isto é, tudo que o ser humano constrói.

Heidegger segue a sua discussão. “Éter significa aqui: o ar livre do alto céu, a região aberta do espírito” [“Äther bedeutet hier: die freie Luft des hohen Himmels, den offenen Bereich des Geistes”].²⁷ Heidegger interpreta o éter como uma região aberta. Ele já tornou essa região visível em sua conferência “Construir, habitar, pensar” [“Bauen Wohnen Denken”], de 1951, como a quaternidade [Geviert].²⁸ A quaternidade de céu e terra, deuses e mortais [Himmel und Erde und Göttlichen und Sterblichen] está interligada a partir de uma unidade originária. Encontramos os dois primeiros momentos da quaternidade na citação de Hebel: o éter é o céu, e Hebel fala da terra. Porém, ele não viu

²⁴ N.T.: Na tradução portuguesa do texto *Serenidade* (editora Instituto Piaget, p. 15), essa frase do Hebel está assim: “Nós somos plantas que - quer nos agrade nos confessar que não – apoiada nas raízes, têm que romper o solo a fim de florescer no Éter e dar frutos”.

²⁵ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 16.

²⁶ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 16 s.

²⁷ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 17.

²⁸ Martin Heidegger, “Bauen Wohnen Denken”; in: *Vorträge und Aufsätze*, Pfullingen 1954, pp. 139-156, Cf. aqui p. 143.

a tensão interna entre ambos. Em Hebel, éter e terra são fenômenos estáticos sem mobilidade interna. Por isso, devemos nos tornar ainda mais pensativos.²⁹

O ser humano habita entre o céu e a terra como o mortal, pois, como se diz em *Ser e tempo*: “Ninguém pode aliviar o outro de sua morte. [...] A morte é, na medida em que ‘é’, essencialmente a cada vez minha. Na verdade, ela [a morte] significa uma peculiar possibilidade-de-ser, na qual, simplesmente, está em jogo o ser do ser-aí [Dasein] a cada vez próprio”.³⁰ Ser humano significa ser mortal. Enquanto os mortais, somos finitos. Contudo, a finitude só pode ser pensada em oposição ao infinito e ao imortal. Em outras palavras, como essência finita temos sempre uma relação com o que ultrapassa a nossa finitude. Indicada formalmente, essa região é o que Heidegger chama de “os deuses”.

A terra, na qual nos enraizamos, pertence à terra natal [Heimat] e apenas a terra natal pode doar a permanência no solo, mas ela não tem a obrigação de fazê-lo. A terra natal é a quaternidade e apenas na quaternidade o ser humano pode habitar “poeticamente”.³¹ Habitar poeticamente significa, no entanto, também ser capaz da morte enquanto morte. Precisamente nos anos após a Segunda Guerra Mundial, como diz Heidegger, “muitos alemães perderam a sua terra natal”.³² A sentença é reveladora em dois aspectos. Se, primeiramente, prestarmos atenção com Heidegger ao que acontece hoje, então vemos que cada vez mais seres humanos se tornam desprovidos da terra natal. Com a terra natal, o ser humano também perde a sua essência (o habitar na quaternidade ou, formulado de outra maneira: o aí de seu ser-aí [das Da seines Daseins]). Em segundo lugar, cabe observar que Heidegger fala apenas do povo alemão [von deutschen Menschen]. Havia não apenas expatriados alemães – mas também russos, poloneses, franceses, para não mencionarmos Auschwitz. Sobre essa problemática, direi ainda algo mais ao final.

Na falta da terra natal, mostra-se a ameaça da permanência no solo das pessoas de hoje em dia.³³ A permanência no solo é uma indicação formal e não uma metáfora

²⁹ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 17.

³⁰ Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 240.

³¹ Vgl. dazu Heidegger, “...dichterisch wohnet der Mensch...”; in: *Vorträge und Aufsätze*, Pfullingen, Neske, 1954, pp. 181-198.

³² Heidegger, *Gelassenheit*, p. 17.

³³ Heidegger, *Gelassenheit*, 18.

camponesa [keine bäuerliche Metapher]. Ainda que Heidegger permanecesse na província por toda a sua vida, ele pensava para além das fronteiras da província, em direção ao livre e ao aberto. A permanência no solo pertence ao aí do ser-aí. Ela é o solo no qual o ser humano se firma de modo constante. Ser-aí significa antecipar-se-a-si-mesmo *em* um já-ser-junto-a. O ser humano já sempre está para além de si em seu aí. Em vez da permanência no solo, poderíamos também usar a subordinação como indicação formal. O ser humano se situa a partir de um aí (ek-sistência e transcendência como subordinação) [Ek-sistenz und Transzendenz als Inständigkeit]. Esse aí é a verdade que se essência, isto é, o ente na totalidade ou o acontecimento apropriador [Ereignis]. Esse acontecimento apropriador é o fato de o ser humano sofrer o apelo do seer [Seyn], mediante o qual ele já sempre se encontra disposto no ente na totalidade. O acontecimento apropriador é factual, pois só podemos aceitá-lo, e não [podemos] questioná-lo minuciosamente. Quando há seres humanos ou, de modo mais geral, ser-aí, o acontecimento apropriador já sempre se deu. A perda da permanência no solo é, portanto, o grande perigo e a mais elevada urgência do ser humano de hoje. Heidegger utiliza preferencialmente superlativos, porém, não devemos nos deixar seduzir por eles e devemos permanecer sóbrios. O maior perigo é o perigo do qual não podemos nos esquivar e a mais elevada urgência é aquela que não podemos aliviar. Podemos somente aceitar ambos com serenidade [gelassen hinnehmen] e nos preparar na recordação para um novo encorajamento [Zuspruch] do seer. O porquê de isso ser assim aprenderemos a compreender quando seguirmos Heidegger adiante em seu caminho de pensamento.

Nosso tempo é caracterizado pelo fato de que estamos ameaçados pela perda da permanência no solo e, portanto, de nossa essência. Com Heidegger, podemos então perguntar: “O que está propriamente acontecimento em nosso tempo? Por meio de quê o nosso tempo é caracterizado?”³⁴ Heidegger assume, para a era que agora em 1955 se inicia, a expressão “era atômica”, expressão corrente à época.³⁵ Porém, podemos, exatamente do mesmo modo, chamá-la de a era do niilismo consumado [das Zeitalter des vollendeten Nihilismus]. Uma vez que a era atômica é, para o pensamento, a era do estar em fuga do humano, [então] falta em tudo aquilo que é dito, pensado e sobretudo relatado sobre o

³⁴ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 18.

³⁵ Heidegger. *Gelassenheit*, p. 18.

tema uma meditação sobre a essência da era atômica. Apenas quando perguntamos com Heidegger como seria possível que a técnica científica pudesse descobrir a energia atômica na natureza e torná-la utilizável, poderemos dar um passo adiante.

O início da era moderna, com a revolução radical da visão de mundo medieval, que encontrou a sua expressão na posição metafísica fundamental de Descartes, é, como já sabemos, também o início do niilismo. Descartes redefiniu por completo a posição do ser humano no mundo e em relação ao mundo.

“Agora, o mundo aparece como um objeto contra o qual o pensar calculador lança seus ataques, nada mais devendo poder lhe fazer resistência. A natureza torna-se um único e gigantesco posto de combustível, uma fonte de energia para a técnica moderna e para a indústria. [...] O poder encoberto na técnica moderna determina o comportamento do ser humano em relação àquilo que é.”

³⁶

Heidegger trabalha nesse discurso memorial em dois níveis. No primeiro, o nível mais superficial, ele chama a atenção de seus ouvintes para as formas de aparição mais importantes da nova posição do ser humano na totalidade própria ao ente. Suas descrições são altamente atuais e muitas delas não foram totalmente elucidadas até 50 anos mais tarde. A “World Wide Web” ainda não existia à época, nem sequer em sua forma rudimentar, e deixa claro também quão ambíguos são os sucessos da ciência. Por um lado, a “World Wide Web” é uma rede que conecta todos os indivíduos no mundo uns com os outros. A Internet modificou definitivamente as nossas vidas e hoje ainda não podemos saber onde ela vai terminar. Hoje, a comunicação é imediata em todo o mundo. Em nosso computador, podemos agora ver o que está acontecendo *agora* a 10.000 quilômetros de distância. Podemos encontrar imediata e infinitamente muitas informações sobre tudo. Por outro lado, já somos hoje completamente dependentes da internet e não podemos mais viver sem ela. Isso se modificou definitivamente no intervalo de poucas décadas. O consumidor padrão tornou-se completamente dependente de seus dispositivos, pois fica desamparado e incapaz assim que ela para de funcionar.

³⁶ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 19s.

Heidegger deixa claro que a técnica moderna não é apenas uma ferramenta de auxílio para o ser humano, mas que ela também reivindica o humano e o transforma em sua essência. Hoje estamos apenas começando a observar como a internet modificou a nossa posição diante do e no mundo. Nós escrevemos (linguagem de SMS e de MSN) hoje de maneira diferente, lemos de maneira diferente (na tela), amamos de maneira diferente (sexualização da sociedade), etc. Não importa se avaliamos esses processos positiva ou negativamente. A abundância de informações nos leva a dispor de conhecimentos infinitos. Mas, como diz Heidegger, conhecer algo [*etwas kennen*] não significa ainda que o tenhamos reconhecido [*erkannt haben*]. Conhecer e reconhecer são duas formas distintas da experiência da verdade. Informações (conhecimentos) são facilmente acessíveis na internet. A sabedoria (reconhecimento) é algo que devemos, contudo, adquirir para nós. Um grande problema hoje é que conhecemos muitas coisas, das quais nada sabemos [*wissen*].

Heidegger fala sobre o poder [*Macht*] encoberto na técnica moderna. Esse poder encoberto reside sob as formas de aparição conhecidas da técnica. Porém, qual poder é este? Em oposição a todos dispositivos e autômatos, a todos aparelhos e instalações, esse poder não é feito pelo ser humano. Esse poder tem o ser humano em seu poder e, como vimos acima, ele é a vontade de poder [*Wille zur Macht*], que quer³⁷ ainda apenas a si mesma. A consumação da metafísica no niilismo mostra-se também no fato de a vida ser colocada nas mãos do bioquímico, “que decompõe, constrói e modifica, conforme a sua vontade, a substância vivente”.³⁸ Heidegger já era clarividente em 1955 – hoje podemos experimentar muitos dos problemas que Heidegger havia indicado em um âmbito completamente diferente. A engenharia genética e a biotecnologia conduzem a grandes questões éticas. O ser humano tornou-se hoje pelo menos em parte fabricável [*machbar*]³⁹, isto é, o ser humano considera a si mesmo como objeto e, como objeto, está entregue à técnica. Tentamos hoje banir a doença tecnicamente. Seria muito fácil e simples afirmar

³⁷ N.T.: ‘... *der nur noch sich selbst will*’. Aqui traduzimos o verbo *wollen* por ‘querer’, em vez de desejar. Trata-se, sem dúvida, de uma diferença mínima de sentido, mas pensamos que ‘desejar’ normalmente (na literatura/filosofia) seria tradução de ‘verbos de querer’ mais específicos e fortes (*wünschen, begehren, streben*).

³⁸ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 22.

³⁹ N.T.: Aqui o sentido de *machbar* é realmente muito próximo do âmbito da produção, por isso optamos pelo termo ‘fabricável’. Seria estranho afirmar que o ser humano se tornou, nos dias de hoje, ‘factível’ ou ‘viável’, como anteriormente havíamos traduzido.

que hoje contestamos [bestreiten] a doença apenas tecnicamente, sem promover a saúde. Não se deve negar, no entanto, que mal compreendemos a doença ainda como pertencente à essência do ser humano e da vida. Ser humano [Menschsein] não significa propriamente, em contrapartida, poder ser apenas saudável, mas também poder ser doente.

É óbvio e irreversível o fato de ter ocorrido e de ainda estar ocorrendo uma mudança imensa do mundo por meio da técnica. Heidegger vê como fenomenologia algo ainda mais distinto e mais decisivo: “Entretanto, o que é mais propriamente inquietante [Unheimliche] não é que o mundo esteja se tornando por completo técnico. Permanece ainda mais inquietante o fato de que o ser humano não está preparado para essas mudanças mundiais, de que ainda não nos é possível alcançar o pensar meditativo em uma confrontação conveniente com aquilo que está verdadeiramente vindo à tona nesta era”.⁴⁰

Também em seu discurso memorial, Heidegger está convencido de que o além-do-homem [Übermensch] é hoje requerido. Esse já era o tema em seu Discurso do Reitorado, de 1933, e de sua interpretação de Jünger à época. Também em “Quem é o Zaratustra de Nietzsche?” ele coloca a questão sobre o além-do-homem. A diferença decisiva é que Heidegger, em 1933/34, pensa que o além-do-homem seria factível [machbar]; em 1955, ele o sabe melhor. A vontade de poder oculta-se na essência da técnica, por isso toda e qualquer tentativa de dominar a técnica é ainda sempre um aumento da vontade de poder. É por esse motivo que o além-do-homem não deve fazer nada, mas aprender a deixar o ente ser. O além-do-homem é o ser humano que cruza a ponte do pensar meditativo. É a possibilidade de um outro pensar que pode nos permitir encontrar uma outra relação com a técnica. Heidegger reiterou repetidamente que a essência da física não seria nada de físico, que a essência da técnica não seria nada de técnico e que a essência do ser humano não seria nada de humano. Com isso, ele quis dizer que a física não pode, com o seu método, responder à pergunta “O que seria a física?” – não se trata assim de um problema físico. Porém, tampouco a essência da técnica é algo técnico, e isso significa que o problema da supremacia [Übermacht]

⁴⁰ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 22.

inexorável da técnica não pode ser resolvido tecnicamente. Se tentarmos substituir os combustíveis fósseis por fontes de energia mais ecológicas, ainda não mudaremos nada em nossa relação com a natureza (e com o mundo como um todo).

Heidegger vê agora que sua tarefa de pensamento consiste em tentar despertar o pensar meditativo em todas as oportunidades. Ele o busca também com o seu discurso memorial em Meßkirch. Em vez de dar resposta e de se tornar, de fato, um guia, ele coloca agora a questão: “Já que a velha permanência no solo se perde, um novo fundamento e solo não poderia lhe ser restituído, um solo e fundamento a partir do qual a essência do ser humano e toda sua obra pudesse florescer de uma nova maneira e mesmo dentro da era atômica? Qual seria o fundamento e solo para uma nova permanência no solo?”⁴¹

Heidegger fala aqui sobre a essência humana e não sobre o ser humano. Ela é o aí do ser-aí, isto é, a clareira [Lichtung] no interior da qual o ser humano se sustenta [ausstehen] ou existe. Esse aí é o fundamento e solo para uma nova permanência no solo. Contudo, esse aí se dá apenas quando o pensar meditativo é despertado. É por isso que aquilo sobre o que Heidegger pergunta está muito próximo. Tão perto mesmo – trata-se da essência do ser humano –, que nós facilmente a ignoramos. O caminho para essa proximidade é a ponte, sobre a qual podemos entrar no pensar meditativo. Não devemos tentar mudar a oposicionalidade do mundo objetivo, mas nos atermos à nossa essência mais íntima e mais própria: o pensar.⁴² A meditação nos liberta do pensar da representação [aus dem vorstellenden Denken] e, com isso, da realidade efetiva do mundo técnico. A meditação é o passo para trás rumo ao solo da técnica. Podemos fazer o teste com Heidegger. Hoje não podemos mais viver sem as instalações, os dispositivos e as máquinas do mundo técnico. Portanto, é também vão “condenar o mundo técnico como obra do diabo”.⁴³ No entanto, tampouco devemos nos dispor à escravidão da técnica. A solução de Heidegger é dizer sim e não, ao mesmo tempo, aos objetos técnicos, isto é, usarmos, por um lado, os objetos técnicos (já não podemos viver sem eles) e assim os tomarmos no uso como eles devem ser tomados. Por outro lado, devemos tentar deixar os objetos técnicos repousarem em si, uma vez que eles devem nos possibilitar e nos

⁴¹ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 23.

⁴² Heidegger, *Gelassenheit*, p. 24.

⁴³ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 24.

facilitar a vida, sem nos afetar no que nos é mais íntimo e próprio. O grande perigo é que nos vejamos somente tecnicamente como objeto e esqueçamos que a técnica é apenas um modo do ser humano de ser-na-verdade. Heidegger nomeia a atitude de dizer sim e não, ao mesmo tempo, aos objetos técnicos por meio de uma palavra antiga “*a serenidade para com as coisas*” [“*die Gelassenheit zu den Dingen*”].⁴⁴ Nessa atitude [Haltung],⁴⁵ não deixamos mais que as coisas sejam apenas objetos. Dito de outro modo, nós revelamos o ente, portanto, não apenas como objeto, que se nos contrapõe enquanto sujeitos, mas também o deixamos ser como coisa, que reúne a terra, o céu, os mortais e os deuses. Mas qual é o sentido que predomina no comportamento humano que em si se modifica na relação com a natureza e com o mundo? Com isso, Heidegger se refere à transformação [Umschlag] da metafísica moderna no niilismo e no domínio planetário da técnica moderna. Não sabemos onde essa mudança [Wandel] terminará. “*O sentido do mundo técnico se oculta*”⁴⁶. No entanto, somos tocados por toda parte no mundo técnico por um sentido que, se nos atermos a ele, nos concerne. Heidegger chama essa atitude de atenção [Achtsamkeit] e de meditação de “*a abertura para o mistério*” [“*die Offenheit für das Geheimnis*”].⁴⁷ A serenidade para com as coisas e a abertura para o segredo se compertencem e nos garantem a possibilidade de uma permanência não apenas técnica no mundo. Elas nos fornecem, portanto, a perspectiva de uma nova permanência no solo e abrem a região de uma nova terra natal.

O maior perigo na era atômica não é, segundo Heidegger, o perigo de uma Terceira Guerra Mundial e Atômica, mas de que “o pensar calculador permaneça *como o único* em vigência e em exercício”.⁴⁸ Por que esse é o maior perigo e a mais elevada urgência? Porque isso nos conduziria à total ausência de pensamento [Gedankenlosigkeit]. E depois? “Depois o ser humano negaria e abandonaria o que lhe é mais próprio, o fato de que ele é especificamente um ser [Wesen] pensante? É por isso que é importante salvar a essência do ser humano. É por isso que é importante reter o

⁴⁴ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 25.

⁴⁵ N.T.: Em tempo, o termo aqui é *Haltung*, palavra que pode ser confundida pelos leitores de fenomenologia com a ‘*Einstellung*’ husserliana, traduzida normalmente também por ‘atitude’; reiteramos essa distinção na medida em que Heidegger, por seu turno, esforça-se por distinguir *Verhalten/Haltung* da *Einstellung* husserliana (por exemplo, nos *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs*, p. 156).

⁴⁶ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 26.

⁴⁷ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 26.

⁴⁸ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 27.

pensar desperto”.⁴⁹ Se um ser humano nega aquilo que lhe é mais próprio, as coisas também já não mais se dão e a terra se torna final e irreversivelmente devastada.

A serenidade para com as coisas e a abertura para o segredo florescem apenas a partir do que Heidegger chama de “um pensar incessante e corajoso [herzhaft]”.⁵⁰ O pensar não deve ser racional, mas vigoroso, pois ele é o que nos há de mais próprio. Quando a serenidade e a abertura despertam em nós, devemos entrar em um caminho que nos conduza a uma nova terra natal e que torne possível uma nova permanência no solo.

⁵¹ Há um problema no discurso memorial de Heidegger, que nós podemos facilmente ignorar. Intencionalmente, ele comete o mesmo erro de Jünger. Heidegger fala uma língua em seu discurso, mas, assim que ele fala sobre o pensar meditativo, ele se encontra em uma região da linguagem radicalmente diferente, e ele deveria usar, na verdade, uma linguagem completamente diferente. A linguagem da meditação deve ser uma linguagem não-metafísica. Encontramos exemplos dessa outra linguagem em sua explicação acerca de poetas como Hölderlin, Rilke, George e Trakl, em suas discussões sobre os primeiros poetas e pensadores da Grécia antiga,⁵² e em seu assim chamado aceno [Winken], como o encontramos em *Da experiência do pensar* [*Aus der Erfahrung des Denkens*].

Para concluir, gostaria de resumir os resultados mais importantes e entrar brevemente nas consequências do modo de pensar de Heidegger. Nunca devemos esquecer que Heidegger permaneceu fiel ao seu método fenomenológico ao longo de sua vida. O ponto de partida de seu pensamento é a facticidade do ser-aí [Dasein]. Uma vez que o ser-aí é a cada vez meu, o pensamento só pode se relacionar com o a cada vez meu atual, isto é, todo e qualquer pensamento sério se inicia com uma análise do próprio tempo. Heidegger interpreta o século XX como a consumação da metafísica. Essa consumação se mostra tanto na dominação planetária da técnica como no niilismo. O niilismo é a última possibilidade da metafísica e esclarece por que hoje o ser passa a não ser mais nada e por que, desde Hegel, não houve e não pode haver nenhuma metafísica

⁴⁹ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 27.

⁵⁰ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 27.

⁵¹ Heidegger, *Gelassenheit*, p. 28.

⁵² N.T.: “...*Erörterungen von den frühgriechischen Denken und Dichtern* ...”: Pensamos que ‘Grécia antiga’ seria em alemão, de modo geral, “*Antikes Griechenland*”, enquanto “*frühgriechischen Denken und Dichtern*” pode remeter aqui mais especificamente aos poetas e pensadores do período mais antigo da antiga civilização grega, ou seja, ao período dito ‘arcaico’ de Homero, Hesíodo, dos pré-socráticos, etc.

nova. A história da metafísica é, como Heidegger o mostrou em sua grandiosa interpretação da história da filosofia, a imagem refletida [Abbild] da história do seer. A pergunta sobre o além-do-homem é a pergunta sobre a possibilidade de um outro pensar, isto é, de um pensar não-metafísico.

Heidegger interpretou a história da metafísica como a história do niilismo. O nacional-socialismo aparece então como a pior consumação do niilismo. Em suas conferências de Bremen que ele em 1949 reuniu sob o título geral “Einblick in das was ist”, há duas passagens que são frequentemente criticadas.

“A atividade camponesa não explora [herausfordert] o solo arável; antes, dá as sementes às forças de crescimento; ela as protege em seu florescimento. Nesse ínterim, porém, o cultivo do campo [Feldbestellung] sofre a mesma re-quisição [Be-stellen] que o ar no azoto [Stickstoff], que o solo no carvão e nos minérios, que o minério no urânio e que o urânio na energia atômica, esses na destruição requisitável. A agricultura é agora indústria alimentícia motorizada, essencialmente a mesma da fabricação de cadáveres nas câmaras de gás e nos campos de extermínio, a mesma do bloqueio e da fome em países, a mesma da fabricação das bombas de hidrogênio”.⁵³

Essa citação é provocativa e até mesmo chocante à primeira leitura. A agricultura hoje é essencialmente o mesmo que a fabricação de cadáveres nas câmaras de gás e nos campos de extermínio, como isso poderia ser verdadeiro? Aparentemente, Heidegger iguala aqui a agricultura a Auschwitz. Todavia, Heidegger não o diz. A agricultura moderna tornou-se a indústria orgânica e uma consequência [Austrag] do niilismo. Nessa indústria, os seres vivos são objetificados [vergegenständlicht] e vistos apenas como produto industrial. Não é mais com o animal; ele se tornou sem valor e sem importância. A produção de cadáveres é, para Heidegger, o mesmo. Ele não menospreza Auschwitz dessa maneira? A *Shoah* não perde assim a sua singularidade e o seu horror incompreensível? Mas, certamente, o mesmo não é o igual. Por um lado, a produção é a mesma, pois também se trata de uma consequência [Austrag] do niilismo. Por outro lado, no entanto, ela também é algo decisivamente distinto, uma vez que em Auschwitz os *seres humanos* eram vistos apenas como objeto de extermínio [Vernichtungsgegenstand] e foram mortos

⁵³ Martin Heidegger, “Das Ge-Stell”; in: M. Heidegger, *Bremer und Freiburger Vorträge. 1. Einblick in das was ist. Bremer Vorträge 1949. 2. Grundsätze des Denkens. Freiburger Vorträge 1957*, editado por Petra Jaeger (GA 79), Frankfurt am Main 1994, p. 27.

[vernichtet wurde] como material sem rosto. Se seguirmos Heidegger, a Shoah é a consequência horrível do niilismo. Com isso, ela é categorizada também historicamente. O niilismo é a condição de possibilidade de Auschwitz. Heidegger provavelmente concordaria comigo quando afirmo que as guerras de exaustão⁵⁴ da Primeira Guerra Mundial foram um estágio preliminar de Auschwitz. A Shoah é (espero) única e incomparável em relação a todos os outros acontecimentos históricos, porém, ela também é parte da história humana. Na terceira conferência de Heidegger intitulada “O perigo” há alguns parágrafos de extrema importância.

“Centenas de milhares estão morrendo em massa. Eles morrem? Eles perecem [umkommen]. Eles são abatidos [umgelegt]. Eles morrem? Eles se tornam componentes [Bestandstücke] de um estoque [Bestandes] da fabricação de cadáveres. Eles morrem? Eles são silenciosamente liquidados nos campos de extermínio. E mesmo sem algo desse tipo – milhões estão indo para a pobreza na China e morrendo [verenden] de fome.”⁵⁵

Morrer, no entanto, significa entregar a morte à sua essência [den Tod in sein Wesen austragen]. Poder morrer significa possibilitar essa entrega [Austrag]. Nós somos capazes disso [poder morrer] somente quando a nossa essência requer⁵⁶ a essência da morte”.⁵⁷

Se a mortalidade [Sterblichkeit] pertence à essência do ser humano, então em Auschwitz as vítimas tiveram sua mortalidade roubada e, com ela, também a sua

⁵⁴ N.T.: “*Materialschlachten*” é um termo que tem um sentido técnico dentro da historiografia (a história tentando explicar o movimento de guerra típico da Primeira Guerra Mundial). Em português, ele pode ser traduzido por “guerra de exaustão”; em inglês, “*attrition warfare*”; e em espanhol, “*guerra de desgaste*”.

⁵⁵ N.T.: O termo *verenden* possui um sentido preciso na analítica existencial de *Ser e tempo* por se tratar de um dos fenômenos intermediários entre o morrer biofisiológico, que ocorre indistintamente a todos os entes (*enden*), e o morrer ontológico possível apenas ao ser-aí humano (*sterben*). Nesse sentido, *verenden* implica entrar radicalmente no fim, devido ao emprego do prefixo *ver-*, que denota a realização total e/ou a intensificação de um acontecimento.

⁵⁶ N.T.: Quanto à tradução de *mögen*, no final, por ‘requerer’, tivemos algumas dúvidas em relação ao sentido filosófico que ela pode assumir. Por um lado, seria enganoso, de fato, traduzir “*mögen*” simplesmente por “querer” (“quando a nossa essência quer a essência da morte”) ou, pior, por “gostar”. Isso porque *wollen* e *mögen* são termos bastante distintos, sobretudo para Heidegger. De certa forma, o “*mögen*”, em Heidegger (e já no contexto do pensamento da *Gelassenheit*), ainda é um ‘querer’, mas não mais o querer assegurador do domínio (*wollen/Wille*). Optamos, assim, por ‘requerer’, que tem a vantagem de manter próxima a palavra ‘querer’. No entanto, gostaríamos de enfatizar que não se trata de uma exigência, uma demanda impositiva, uma intimação. Também o ‘*vermögen*’ pode suscitar alguma discussão. Por isso, optamos por traduzir o início da frase por “nós somos capazes disso [poder morrer] somente quando...”, uma vez “ser capaz de” parece assumir um sentido mais passivo, adequado à frase.

⁵⁷ Martin Heidegger, “Die Gefahr”, in: GA 79, p. 56.

humanidade. Por meio de sua fenomenologia, Heidegger alcançou aqui algo importante. As vítimas não foram “apenas” mortas, mas também destruídas [vernichtet] em sua essência. É precisamente essa destruição da humanidade que constitui a degenerescência⁵⁸ [Unwesen] da Shoah.

Recebido em: 18/09/2020 | Aprovado em: 24/09/2020



⁵⁸ N.T.: O termo *Unwesen* possui correspondência direta com o termo *Wesen*, normalmente traduzido por essência. No entanto, gostaríamos de destacar que há um sentido mais preciso e comum para *Unwesen* na língua alemã, em contextos mais amplos. Trata-se da noção de que algo está em desordem, saiu dos eixos, ou até mesmo, um estado ruim de coisas. Nesse sentido, optamos por ‘degenerescência’ como uma forma de unir os dois sentidos presentes na palavra alemã, isto é, ‘de sair da própria essência gerando desordem e caos’. Podemos, inclusive, relacioná-la à noção de ‘desmedida’ (*Unfug*), isto é, de desordem metafísica. Como *Unwesen* caracteriza algo maléfico, portanto, poderíamos até sugerir o termo ‘terror’ para explicitar, de maneira mais simples e direta, o que seria esse ‘estado maléfico causado por uma terrível desordem’.